



**MAR É... MARÉ. RENDA DE MAR SOBRE AREIA:
NARRATIVA E REFLEXÕES DE AÇÕES POÉTICAS EM COMUNIDADES NA BTS**

Maria da Conceição Andrade Souza. UFBA

RESUMO: O artigo narra parte de três ações poéticas realizadas por artistas do Grupo de Pesquisa em Artes Visuais MAMETO CNPq com grupos de mulheres em Itaparica, Matarandiba e na Ilha de Maré, localidades que margeiam a Baía de Todos os Santos, na Bahia, tendo ocorrido as duas primeiras em junho e outubro de 2010, e, a última, em dezembro de 2011. Após cada encontro para a prática artística, trocando-se vivências e saberes, trabalhando-se coletivamente memória e associações culturais, reflexões diversas sobre o formar e ordenar dos processos criativos desencadeados foram registradas em texto pelo referido grupo de pesquisa, para se ampliar o entendimento da arte visual em campo ampliado. Além disso, algumas imagens produzidas nessas oficinas serviram de inspiração à autora para a produção de um traje artístico a ser utilizado na ação poética de Ilha de Maré.

Palavras-chave: processo criativo em grupo; fazeres locais; conexões culturais.

ABSTRACT: *This article tells us some part of three poetic actions conducted by artists of the Research Group on Visual Arts MAMETO CNPq with women groups in Itaparica, Matarandiba and Maré Island, small sites around All Saints Bay, Bahia, which happened in June and October of 2010, the first ones, and the last of them in December of 2011. After each meeting for the artistic practice, interchanging experiences and knowledge, working collectively the memory and cultural associations, diverse considerations on form and order within the held creative processes were written down by the Research Group with the intention of broadening the comprehension of visual arts in expanded field. Besides, some images produced by the working groups inspired the author of this article to create an artistic piece of clothing which was used in the poetic action at Maré Island.*

Key words: *creative process in group; local practices; cultural connections.*

Quem de nós, moradores de beira de praia da Bahia, nunca reparou na espuma das ondas que quebram sobre a areia? Que lindas rendas de desenhos efêmeros tecidas pelo movimento das águas! A meu ver, essas rendas em movimento pela Baía de Todos os Santos conduziram o grupo de Pesquisa em Artes MAMETO CNPq, apontando-lhe os 'Portos' a serem visitados para se realizar trabalhos artísticos em suas comunidades como parte da pesquisa do Eixo de Artes do Projeto multidisciplinar BTS.

Assim, atravessamos o mar da Baía de Todos os Santos e estabelecemos pontes com moradores desses 'Portos', pontes poéticas que ligam o homem a si mesmo através do trabalho de suas mãos. Então, a ponte / ação poética que exercita a "imaginação e vontade do devaneio ativo", "que une o esforço e a esperança", segundo Gaston Bachelard¹, esteve sempre conosco, pois, ainda segundo o filósofo "é preciso pensar antes de agir, mas é preciso também sonhar muito antes de tomar interesse em pensar". Portanto, a ponte foi o mote das referidas oficinas artísticas ocorridas entre 2010 e 2011 em Itaparica, Matarandiba e Maré.

Ativando a memória com a palavra "ponte", lembro que tenho feito inúmeras travessias para a Ilha de Itaparica, desde criança. Quando, do Terminal Marítimo das Docas de Salvador, se escutava o terceiro apito do velho navio João das Botas, os marinheiros puxavam as cordas recolhendo a âncora, e aí estávamos certos de nosso destino - a chamada ponte (cais) da cidade de Itaparica em festa: baianas vendendo acarajé, cocada, *apanã*, meninos pulando da ponte e mergulhando na água transparente verde azulada, bolas coloridas ao vento, veranistas passeando de bicicleta.

Hoje, esse cais está praticamente desativado. Chega-se à ilha, geralmente, aportando-se em Mar Grande ou Bom Despacho e desses pontos pode-se ir à cidade histórica de Itaparica, de carro. Comenta-se e se espera a realização de um sonho tornado projeto, a construção de uma verdadeira macro ponte, que diminua a distância / tempo de deslocamento entre a metrópole e a ilha.

Foi com essas memórias, que, em uma manhã de sol claro do dia 19 de junho de 2010, reunimo-nos logo cedo, os participantes do supracitado grupo de Pesquisa MAMETO no terminal marítimo de São Joaquim. Carregados de materiais diversos: retalhos, linhas, fios, fitas, botões, agulhas, lápis, pincéis, tintas, pequenos espelhos e tesouras, partimos em direção ao Instituto Sacatar na cidade de Itaparica, o qual iria sediar nossa oficina. Na ilha, mulheres artesãs se preparavam para um encontro de trabalho com nosso grupo.

Das grades protetoras do *ferry boat*, pudemos apreciar mais uma vez as águas da nossa imensa e bela baía. No percurso, questionávamos a natureza da

prática criadora que ocorreria enquanto recordávamos outros encontros de trabalho e trocávamos vivências de produção artística em grupo, citando habilidades de outros saberes, enfim, nos preparávamos para juntar mãos e braços, e aproximar mentes e corações em possíveis diálogos coloridos.

Como era consensual, trabalharíamos as questões de aceitação e preocupação com a possível construção da ponte Salvador-Itaparica, além disso, ficaríamos atentos a cada participante com suas histórias de vida, suas habilidades, observando a presença e força dessas mulheres na comunidade. Durante o trabalho, deveríamos estimular todo o grupo de artesãs a se renovar, este era também um de nossos objetivos.

Éramos oito artistas de Salvador, da EBA - UFBA e um de São Paulo, da ECA - USP, todos integrantes do grupo MAMETO. Cada um trabalhou com duas ou três mulheres, utilizando técnicas aquosas, monotipia, aplicação de retalhos e fitas, agregação de pequenas conchas e botões. À medida que se conversava, refletia-se sobre as questões propostas e os desenhos que brotavam das folhas dos pequenos blocos eram transferidos para painéis em pano de vela. O processo foi registrado em fotografias e foram feitas tomadas de vídeo por Hugo Fortes, o que foi muito bom, porque além de imagens, gravou-se todo o percurso e os sons.

Durante o processo criativo, o grupo cantarolava músicas que ecoavam a cumplicidade de todos envolvidos na ação: olê mulher rendeira, olê mulher rendá, tu me ensina a fazer renda e eu te ensino a “atravessar”... Assim, ao som da cantoria, os artistas e as mulheres teciam os mais distintos “retalhos-pontes”.

Neste encontro tive a oportunidade de conhecer a artesã Lúcia (Lu) e a marisqueira Maria Auxiliadora (Dolinha). Elas me contaram que adoram a ilha, a natureza, o mar, e, como mães responsáveis por suas famílias, mostraram-se mais preocupadas com as mudanças sociais e comportamentais que a ponte poderia trazer, mas também, por outro lado, se sentem esperançosas por benefícios, a exemplo de Dolinha que tem vontade de estudar Psicologia, e a ponte Salvador – Itaparica, nesse caso, facilitaria o seu ir e vir no dia a dia. Trabalhei, poeticamente, com elas a ideia de que poderiam atravessar naquele momento pontes imaginárias para se encontrarem consigo mesmas, para se sentirem mais felizes.

Conversamos e esquematizamos várias possibilidades, rabiscando o papel. Cada uma demonstrou que gosta do que faz. Dolinha cata marisco – chumbinho – enquanto conversa com as amigas, discutem seus problemas; contudo, se queixou que ganha pouco com essa atividade. Lu produz toalhas de prato, pintando ou bordando e ensina essa tarefa a outras mulheres para que possam ter uma renda própria, ainda que incerta. Aprecia o que faz, mas gostaria de ampliar a produção para expandir o negócio e criar uma associação. E, enquanto conversávamos, ela lembrou com alegria de uma costura especial que guardava na memória, uma renda que aprendeu a fazer com a mãe e que nunca mais teve a oportunidade de praticar – o *nhanduti*. Dessa forma, recordando e rabiscando, começamos a trabalhar plasticamente no retalho de tecido. Cabe aqui reportar-me a Emerson, quando diz que “o trabalho manual é o estudo do mundo exterior”².



Fig. 1. Conceição, Lu e Dolinha umedecendo o tecido. Foto: Laís Andrade.

Então, umedecemos o tecido de vela, de 1,20 x 1,00 m, conscientizando-nos mais ainda da importância da água, do mar, geradores de vida e aquarelamos toda a extensão do retalho em tons de verde azulado, com movimentos ondulados. Refletimos também que a ponte sobre a qual falávamos não necessariamente tinha que ser abordada em nosso retalho de forma real. Nesse processo surgiu a questão: Que tal assumirmos a forma de uma renda *nhanduti* para a ponte?

A ideia homenageou as recordações de Lu. Ampliando o desenho ao máximo possível com seus pontos básicos, em uma forma quase circular, Lúcia assumiu com entusiasmo e deu soluções criativas para a construção do que seria então uma renda-ponte. Dolinha participou e ajudou com grande demonstração de companheirismo. Outros elementos: linhas, botões, pequenos espelhos foram agregados para sugerir movimentos e sentimentos de alegria, de beleza, de conquistas no dia-a-dia na labuta de mariscar. Junto com os elementos vieram as ações: molhar, aquarelar, tingir, deixar secar, ampliar, costurar, perfurar, prender, amarrar, cortar, agregar, colar, na busca de harmonia e equilíbrio em uma nova imagem, o que se pode acompanhar na sequência de fotos a seguir:



Fig. 2. Grupo tecendo a ponte *nhanduti*. Fotos: Laís Andrade.

Embora nos afirme Bachelard que “a imagem não deve ser estudada em fragmentos, pois ela é, precisamente, um tema de totalidade”, e realmente imagens tenham muito mais a nos dizer do que podemos tentar traduzi-las em palavras, comento que o colorido deste painel é impactante. A grande teia vermelha – ampliação da renda *nhanduti* – é a imagem que nos prende o olhar à primeira vista. Daí, num movimento radial, vamos observando os elementos menores, mas não menos importantes na composição até o arremate de fita que circunda o painel retalho. Assim, são muito significativos no trabalho: o movimento de expansão a partir do centro da renda, a expressão verdadeira das artesãs que surge do interior de si mesmas como uma teia, a conformidade de compor e do olhar com seu local de origem e a preocupação com o bom acabamento.



Fig. 3. A ponte retalho *nhanduti* sobre o píer do Instituto Sacatar – Itaparica – Bahia.

Foto: Laís Andrade.

Grande foi a satisfação de Lu e Dolinha em ver o “retalho-ponte” concluído, que logo seria agregado aos demais, igualmente expressivos, feitos pelos outros grupos, para simbolizar a ponte que se sonha para atravessar o mar da Baía de Todos os Santos, como se pode visualizar na figura 3 acima.

Grande também foi minha alegria. Essa ponte de retalhos, montada sobre o pequeno píer à frente do Instituto Sacatar, me fez lembrar a antiga ponte (cais) da ilha de Itaparica, onde costumava saltar do navio João das Botas para o veraneio com familiares, como descrevi no início deste texto. Atravessou-se o mar através da ponte / devaneio ativo, pois verdadeiros foram a vivência, aqui relatada, com as artesãs - pessoas simples, de muita dignidade e sabedoria na prática da vida familiar - e o compartilhamento do trabalho em grupo com os outros artistas. Nessa ação poética, pudemos observar que o grupo relacionou, ordenou, configurou e significou, como todo ser consciente – sensível – cultural que somos, como nos detalha Fayga Ostrower em seu texto sobre criatividade e processos de criação³.

Influenciada por este trabalho, selecionei fios na imaginação para tecer, com poesia, esta outra renda:

Mar é... maré
 Renda de mar sobre areia,
 teias, caligrafias femininas,
 belas teias, linhas, desenhos cheios de histórias...
 Presença de mãos em movimentos precisos, cheios e vazios,
 Vazios da alma, inquietações...
 Alma cheia de luz, cor e som!

E fomos seguindo, o grupo MAMETO, encontrando-nos para ver fotografias tiradas, vídeos editados e discutir novas ações...

Em 23 de Outubro de 2010, chegamos a Matarandiba, onde reza a lenda que mataram Diba, uma índia que vivia nesta região da contra costa da ilha, próxima ao vilarejo de Santa Cruz. Após atravessarmos o mar, um ônibus da rede municipal já nos esperava para nos conduzir até a Escola pública local Juvenal Galvão, onde realizaríamos a oficina.

Aos poucos foram chegando artesãs, algumas mães de alunos, professoras, mulheres participantes de uma associação comunitária local, pessoas nativas da região e outras que vieram de localidades próximas, como Nazaré e Maragogipinho. Formou-se um grupo heterogêneo, em faixa etária e habilidades. Nos reunimos em

círculo para conversar sobre o projeto. Em seguida, dividimos o grupo em seis equipes para iniciarmos a ação poética.

Assim, gradativamente, fomos conversando para definir em consenso como se expressarem. Sugerindo que falassem de suas vivências e habilidades, comecei a escolher com meu grupo de trabalho as cores que deviam predominar em nosso painel. Chegou-se a decisão de usar tons terrosos – o grupo quis falar de terra, pois: D. Lira, 75 anos, trazia a vivência de fazer moringas em Maragogipinho, já Ana Carla, 34 anos, ajudou a construir várias casas de sapê (taipa) na comunidade, e estas memórias da terra habitavam o imaginário de ambas.



Fig. 4. D. Vanda, D. Lira, Rubenita e Conceição delimitando o círculo.

Fotos: Gal Meirelles.

Por essa razão foi que se tingiu o tecido com vários tons de vermelho, chegando-se até matizes de marrom. Decidiu-se que no meio do painel faríamos um círculo e o preencheríamos de amarelo, como uma vista superior de uma panela – a da moqueca de D. Vanda, 75 anos, ou ainda uma aproximação com a lua cheia, quando especialmente Zélia, 55 anos, e Rubenita, 34 anos, catam marisco na praia.

Dessa forma, juntando-se memórias do formato das moringas de Dona Lira, das casas de taipa de Ana Carla, com a cor do dendê da moqueca de Dona Vanda, iluminadas pela lua cheia que anuncia a Zélia e Rubenita que podem catar mariscos na praia, o círculo demarcou a estrutura do painel desse grupo de trabalho.

Estando definidas as tarefas, uma e outra foram cortando fios amarelos, dando nós para se criar uma textura volumosa, que foi sugerida e testada na hora,

prendendo-se com agulha e linha esses fios e se cuidando para que tudo ficasse harmônico e pronto no tempo determinado. Na área externa ao círculo, pequenos búzios e conchas do universo natural de Matarandiba foram fixados / costurados com linha vermelha. Então, delimitar áreas, molhar, tingir, deixar secar, dar nós, criar volume, furar, amarrar, prender, foram as ações no caminho percorrido.



Fig. 5. Ana Carla e Deny ajudando a formar o círculo com fios de linha e nós.

Fotos: Railson Oliveira.

De novo tivemos uma experiência enriquecedora, pois o envolvimento foi grande e o resultado visual trouxe satisfação para quem o fez e sinalizou questões para quem procura percebê-lo além de uma primeira impressão – questões de vida daquele vilarejo de pescadores, em condições precárias. Ainda assim, as pessoas desta vila estabeleceram pontes, pontes com suas referências mais imediatas e, ao mesmo tempo, com um desejo manifesto de se manterem unidos e buscarem na educação melhorias para muitas crianças.



Fig. 6. Todo o grupo com o painel retalho. Foto: Railson Oliveira.

Dentre os elementos visuais deste painel retalho, igualmente bem cuidado, bem finalizado, o círculo totalizante, agregante, unificador, potencializado pela cor amarelo intenso dos fios embaralhados em nós, pode sugerir a força da vida que se mantem de pé numa comunidade unida que busca soluções para o dia a dia e precisa de ajuda. Recorrendo a Bachelard, mais uma vez, que nos fala de como o homem quer interferir nas matérias do mundo, usando ferramentas diversas, lembro o que ele nos diz da linha e da agulha, como o osso e o cipó, o rígido que perfura e o flexível que amarra⁴. Assim exercitaram o movimento de sua expressão, unindo o rígido da vontade com o flexível da imaginação e da linguagem poética.

Não foi diferente o nosso movimento, o dos participantes do grupo MAMETO, para produzir trajés, criados a partir de belas peças de renda especialmente preparadas por várias rendeiras competentes da Ilha de Maré, para nova ação a ser realizada em 13 de dezembro de 2011. Foi também um desafio poético.

Relato então, como artista pesquisadora atenta às expressões artísticas populares da Bahia, que reparo sempre nas rendas alvas das antigas batas das baianas de acarajé, assim como as das toalhas que cobrem altares das igrejas coloniais. Além disso, admiro as mais finas e belas, feitas a mão, vindas exatamente dessa ilha, as quais geralmente encontramos nas lojas do Instituto Mauá localizado em Salvador. Com grande interesse tenho estudado os famosos bordados em tauá⁵

em pesquisas a respeito do acervo cerâmico da Bahia. E das memórias de infância selecionei na ocasião imagens de tias e avós que faziam renda inglesa, que hoje se chama renascença, costurando finas fitas sobre papel que era posteriormente descartado.

A proposta de se retornar ao vilarejo de Neves na citada Ilha de Maré surgiu na primeira vivência do grupo de pesquisa com a comunidade, em que se produziu vários “retalhos-ponte”, neles desenhando os próprios corpos das mulheres rendeiras. Então, rendas e rendeiras inspiraram uma nova ação a ser realizada. em 13 de dezembro de 2011. Para a segunda ação deveríamos trabalhar com tecidos, as referidas rendas, agulhas e linhas ou ainda outros materiais da escolha do artista, para se criar novas obras, tramando renda e corpo, imaginando, agregando, refletindo, enquanto atravessávamos nossas próprias pontes... E assim costurei vivências que traduzi em versos:

Mar é... maré
Renda de mar sobre areia,
cheios e vazios,
estrelas, proto-estrelas no céu,
cacos em cipós erguidos,
pontes que irmanam mulheres...
Itaparica, Matarandiba, Maré
Mar é... Maré

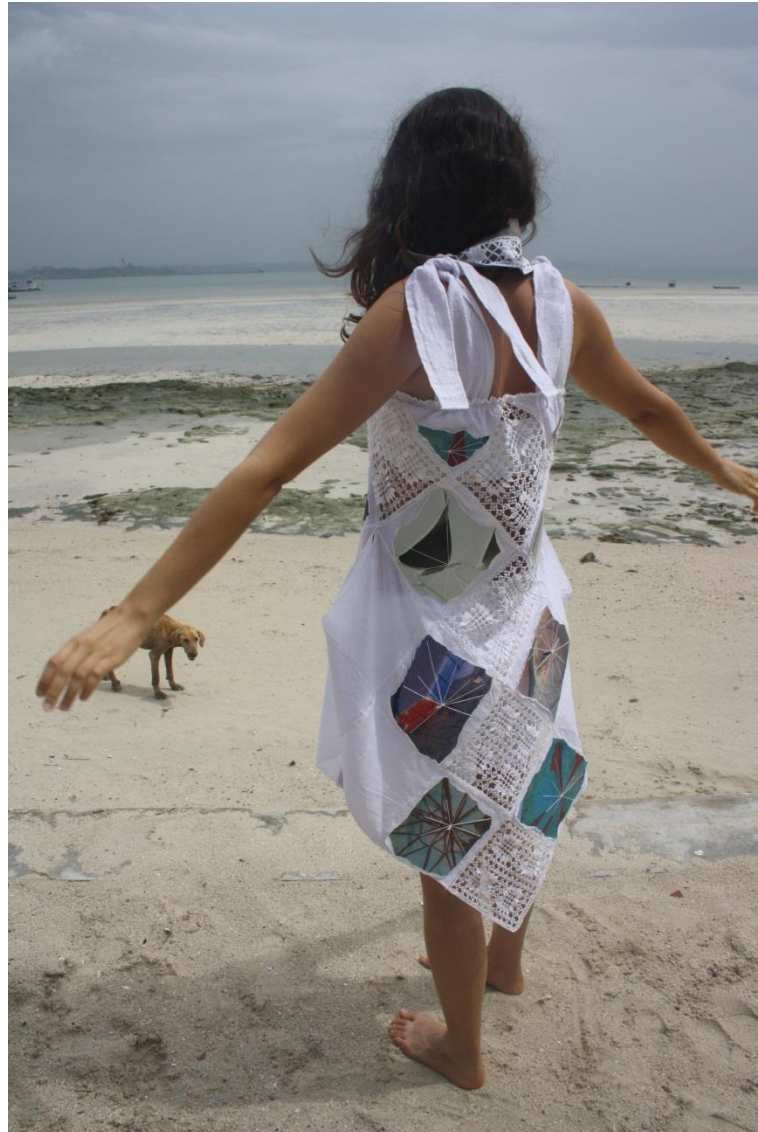


Fig. 7. Traje artístico criado por Conceição Fernandes vestido por Laís Andrade.

Foto: Giovana Dantas.

E construí meu traje, como ilustra a Figura 7, dispondo alternadamente quadrados de belíssima renda com outros de pano de saco branco – como se chama aqui na Bahia, sacos de farinha alvejados com os quais se pode fazer pano de prato, semelhante aos que Lúcia faz em Itaparica, cortando-os, costurando-os e adornando-os, fui reparando as diferentes texturas e alvuras. Ajustei emendas entre os ‘retalhos’. E num movimento aproximado ao de minhas tias e avós, usei papel, linha e agulha para fazer ‘renda’. Sobre fotografias e imagens impressas sobre papel resistente, cuidadosamente selecionadas pela importância e significado que têm para mim. Vale salientar que algumas foram registro das outras ações realizadas, outras de espumas/rendas de mar e mais outras de obras minhas em cerâmica. Teci então meus desenhos. Contudo, minha proposta foi manter esses recortes de papel,

não descartá-los como na produção da renascença. Então, para fixar essas imagens sobre quadrados de pano de saco parti sempre do centro da imagem, deixando o nó à vista. Depois, num movimento radial fui dispendo os traços de linha, criando diálogos com as imagens sob eles.

Então, resultante desse processo criativo, o traje foi usado na referida ação de dezembro coletivamente, inserido em várias performances à beira do mar, onde rendeiras e artistas se entrecruzaram conversando sobre técnicas e processos de criação.

Sendo assim, naquele dia de Santa Luzia, voltando da ilha de Maré, enquanto apreciava as rendas de mar ao vento, ampliei em minha consciência a noção de arte como linguagem humana. Nossa querida artista brasileira Fayga Ostrower teve razão em dizer que “a arte é a linguagem natural da humanidade”, podemos nos comunicar e nos enriquecer como pessoa através dela, dissolvendo fronteiras e fluidificando conceitos estéticos de experiências poéticas na contemporaneidade. Assim, juntei mais algumas palavras para compor o pensamento passeando solto entre memórias recentes e outras mais antigas:

Pontos, lembranças,
resquícios de onda, raízes,
encontros de cor e luz...
Constela**Sons**, emoções,
Alma cheia, lua plena refletida no mar...
Desenhos das águas, rendadas em bilro
Ave Maria, Ave Luzia...

NOTAS

¹ BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001, pág. 24 e 79.

² EMERSON, Ralph Waldo. Apud BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001, pág. 15.

³ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 16. ed. Petrópolis : Vozes, 2002, p. 9 - 11.

⁴ BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001, pág. 35.

⁵ Parte da cerâmica produzida em Rio Real, BA, exibia uma linda decoração feita com tabatinga (barro branco) sobre tauá (barro vermelho), nos padrões 'bico de renda' 'ramagem' e 'flor'. In BORDADOS em Pesquisa de Letícia Vianna, Maria José Chaves Ramos, Raul Lody e Ricardo Gomes Lima. Rio de Janeiro: tauá: cerâmica de Rio Real. Texto de Letícia Vianna e Raul Lody. Funarte, CNFCP, 2001. (Sala do Artista Popular; 94), pág. 29.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

BORDADOS em Pesquisa de Letícia Vianna, Maria José Chaves Ramos, Raul Lody e Ricardo Gomes Lima. Rio de Janeiro : tauá: cerâmica de Rio Real. Texto de Letícia Vianna e Raul Lody. Funarte, CNFCP, 2001. (Sala do Artista Popular; 94).

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 16. ed. Petrópolis : Vozes, 2002.

Conceição Fernandes (Maria da Conceição Andrade Souza)

Artista plástica, e, privilegiando a cerâmica como linguagem, tem feito exposições individuais e participado de exposições coletivas e salões, onde tem recebido prêmios. É Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV – EBA - UFBA e pós-graduada em Arteterapia Junguiana, pelo Instituto Junguiano da Bahia/ Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências. É associada à ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e integra o Grupo de Pesquisa em Artes MAMETO.